

# Representatividade de Gênero na Escolha de Cursos de Tecnologia da Informação no Brasil: Uma Análise Exploratória

Renata Viegas de Figueiredo<sup>1</sup>, Raquel Vigolvinho Lopes<sup>1</sup>, Maria Gabriella Freire F. S. de Oliveira<sup>1</sup>, Maria Victoria M. de Araujo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências Exatas – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Av. Santa Elizabeth, S/N, Centro, CEP 58297-000 - Rio Tinto - PB - Brasil

{renata, raquel, maria.freire, maria.marcelino}@dcx.ufpb.br

**Abstract.** *This article analyzes female representation in admissions to Information and Communication Technology courses at Brazilian public universities between 2019 and 2023, based on data from the Unified Selection System. The results indicate a slow increase in the number of women entering these courses, although gender inequality remains high. We analyzed first and second choice course preferences, cut-off scores, and acceptance rates by gender. We identified that what keeps women away from the field is not inferior performance, but mainly less interest in the area, reinforcing the importance of understanding the reasons for women's disinterest in the field in order to formulate more effective inclusion policies and actions.*

**Resumo.** *Este artigo analisa a representatividade feminina no ingresso em cursos de Tecnologia da Informação e Comunicação em universidades públicas brasileiras entre 2019 e 2023, com base em dados do Sistema de Seleção Unificada. Os resultados indicam um aumento lento no ingresso de mulheres nesses cursos, embora a desigualdade de gênero ainda seja alta. Analisamos preferências de primeira e segunda opção de curso, notas de corte e taxas de efetivação por gênero. Identificamos que o que afasta as mulheres da área não é desempenho inferior, mas principalmente o menor interesse pela área, reforçando a importância de compreender a razão do desinteresse feminino pela área para formular políticas e ações de inclusão mais efetivas.*

## 1. Introdução

Segundo o censo do ensino superior, as mulheres aparecem, historicamente, em maior número que os homens como ingressantes, matriculadas e concluintes. Em 2024, as mulheres representavam quase 60% dos estudantes matriculados e quase 60% dos concluintes<sup>1</sup>. No entanto, essa realidade muda nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), onde a participação feminina é menor, gerando grandes índices de desigualdade. Na Computação, especificamente, o cenário é ainda mais desafiador, com uma média de apenas 15% de mulheres em cursos como Ciência da Computação e 9,7% em Redes de Computadores<sup>1</sup>. A participação feminina em cursos na área de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tem sido uma preocupação recorrente tanto no meio acadêmico quanto

---

<sup>1</sup> Informações calculadas com base nos dados do censo do ensino superior 2024 (<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>)

no mercado de trabalho, e apesar de programas de incentivo, as mulheres ainda representam uma parcela pequena do total de estudantes e profissionais da área.

Estudos indicam que a falta de representatividade feminina nos cursos é resultado de uma sociedade que pouco incentiva as mulheres [Nascimento et al. 2023, Medeiros et al. 2022, Menezes e Santos, 2021]. Desde a primeira infância até o ensino médio, as meninas não são tão incentivadas quanto os meninos com atividades que desenvolvam o raciocínio lógico e o pensamento computacional. Para elas são priorizadas atividades que focam no cuidado e nas atividades domésticas diárias. Como consequência, muitas acham que não são boas o suficiente em matemática, podendo ser um impeditivo no momento da escolha de uma profissão [Silva et al. 2023, Santos et al. 2024]. Ainda, a profissão de TIC não é difundida nas escolas como algo feminino, e os modelos bem-sucedidos na área são, em sua maioria, homens. Além disso, o ambiente acadêmico e profissional muitas vezes é percebido como pouco acolhedor ou competitivo, o que pode desestimular a entrada e a permanência das mulheres nos cursos de TIC.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo entender a representatividade feminina na escolha e na matrícula em cursos da área de TIC, com foco nas universidades federais brasileiras. A pesquisa tem como escopo os dados do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), no período de 2019 a 2023<sup>2</sup>, considerando apenas as universidades federais que ofertam cursos de TIC. Esse período foi escolhido por representar os dados mais recentes disponíveis no SiSU até 2023, no intervalo dos últimos cinco anos, permitindo uma análise mais consistente com o cenário atual e com as transformações recentes no ingresso ao ensino superior público federal no país. Como contribuição, este trabalho propõe uma abordagem para o estudo da representatividade de gênero no ingresso no ensino superior de TIC via SiSU, estruturada a partir de múltiplas etapas do processo de ingresso — interesse, aprovação, efetivação e desempenho — permitindo uma análise sistemática do percurso dos candidatos ao longo das diferentes etapas do processo. Além disso, evidencia tendências recentes na participação feminina, demonstrando que a sub-representação na área está mais associada à menor atratividade dos cursos do que a diferenças de desempenho nas notas de ingresso.

Na sequência serão apresentados os trabalhos relacionados, e no tópico seguinte será mostrada a metodologia do nosso estudo. A seção 4 mostra as análises realizadas e os principais resultados da pesquisa, e a seção 5 finaliza o artigo com algumas considerações e sugestões de trabalhos futuros.

## 2. Trabalhos Relacionados

Nesta seção apresentamos alguns trabalhos que vêm sendo realizados nos últimos anos com base nos dados do SiSU para estudar o ingresso de mulheres nos cursos de TIC.

Costa *et al.* (2020) realizou um estudo com dados secundários da educação superior brasileira, mostrando a distribuição de homens e mulheres entre os cursos de STEM das universidades. Neste artigo também são analisadas algumas iniciativas para equidade de gênero na tecnologia no Brasil através de uma metodologia baseada na proposta *STEM and Gender Advancement*, da Unesco. Os autores mostram a lacuna de gênero em STEM, e

---

<sup>2</sup> <https://dadosabertos.mec.gov.br/sisu>

apontam para a necessidade do Brasil investir em iniciativas dedicadas à promoção da igualdade de gênero.

Lopes et al. (2023) analisam a representatividade de gênero nos cursos de TIC no Brasil, com base nos dados do Censo do Ensino Superior. O estudo revela que a participação feminina entre os ingressantes nas universidades aumentou de 15,49% em 2011 para 18,9% em 2021, um crescimento de 3,41%. Esse avanço foi ainda mais significativo nos Institutos Federais de Educação, sugerindo que o contato precoce das meninas com a área de TIC e a participação da família pode influenciar suas escolhas acadêmicas. Apesar desse crescimento, a presença feminina na área ainda estava longe de se equiparar à masculina, tornando difícil uma distribuição equilibrada no curto prazo.

O estudo de Santos et al. (2024) utiliza dados do SiSU do ano de 2021 para mostrar a relação entre o desempenho das mulheres em matemática e a escolha por cursos de Computação. Nas análises realizadas, os autores mostraram que 80,10% das mulheres demonstraram potencial em Matemática para ingressar em cursos de TIC. Além destas análises, os autores estudaram dados do questionário socioeconômico do Enem de 2021 e mostraram que o nível de escolaridade dos pais, a profissão, a renda mensal per capita e o tipo de escola frequentada pelo participante durante o Ensino Médio influenciam significativamente o desempenho nas provas, independente do sexo.

Silva et al. (2023) investiga as causas para a baixa procura feminina nos cursos de TIC, concluindo que a baixa representatividade e a falta de incentivo dos pais para esta área influencia na escolha, fazendo com que as meninas busquem cursos em que se sintam mais representadas. Embora a nota de matemática não tenha relação direta com aprovações nos vestibulares (Santos, 2024), Silva et al. (2023) mostra que as meninas tendem a procurar as áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas, em detrimento às de Engenharia e Ciências Exatas.

Os estudos apresentados mostram a persistência da desigualdade de gênero nos cursos de TIC, ao mesmo tempo em que apontam avanços graduais na participação feminina. De modo geral, essas pesquisas analisam aspectos específicos do problema, como desempenho acadêmico, fatores socioeconômicos ou distribuição de matrículas, frequentemente de forma isolada ou com recortes temporais limitados. Nesse sentido, este artigo busca contribuir para propor uma análise integrada, com base em dados recentes do SiSU, contribuindo para uma compreensão mais completa da representatividade feminina em cursos de TIC no Brasil, especialmente ao evidenciar em quais etapas do processo de ingresso se concentram as principais disparidades.

### **3. Metodologia**

O presente artigo adota uma pesquisa quantitativa e exploratória para obter uma visão abrangente sobre a representatividade feminina nos cursos de TIC no Brasil. A análise utiliza dados do SiSU, abrangendo o período de 2019 a 2023, o que permite uma visão longitudinal das tendências de ingresso no ensino superior público federal.

Foi adotada uma abordagem integrada de indicadores, estruturada a partir das etapas do processo de ingresso no ensino superior. Na análise são consideradas quatro etapas sequenciais complementares: (i) interesse pelos cursos (inscrição como primeira ou segunda

opção), (ii) aprovação, (iii) efetivação da matrícula e (iv) desempenho acadêmico, medido pelas notas dos candidatos. Essa estrutura permite analisar o percurso dos candidatos ao longo das diferentes etapas do processo de ingresso, possibilitando identificar em quais momentos ocorrem maiores diferenças entre homens e mulheres. Essa abordagem permite ainda identificar pontos críticos de redução da participação feminina ao longo do processo de ingresso, o que não é possível em análises baseadas em indicadores isolados.

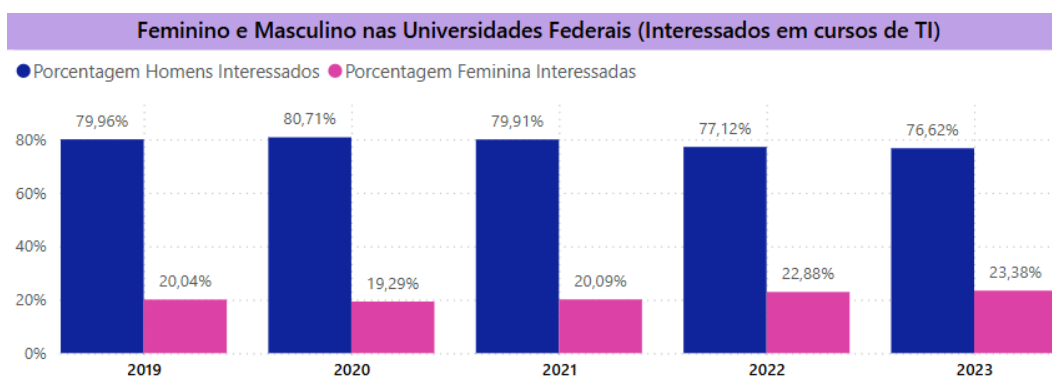
Os dados passaram por uma etapa de extração e limpeza, filtrando de uma base de dados extensa do SiSU apenas os dados de interesse da nossa análise. A base já filtrada conta com universidades federais de 4.710 municípios do Brasil, distribuídos em todos os estados brasileiros. Foram filtrados apenas cursos de Computação e áreas afins (por exemplo, Redes de Computadores, Sistemas para Internet, entre outros), totalizando 18 cursos diferentes da grande área de TIC. Além dos cursos, a base de dados permite análises por instituições de ensino, estados e municípios onde os cursos estão localizados, bem como a pontuação de cada candidato e nota de corte de cada curso.

Para apoiar a análise dos dados, foi utilizada a ferramenta Power BI<sup>3</sup>. Seu uso neste trabalho constitui parte integrante da abordagem metodológica, não se restringindo à visualização, mas também ao suporte à exploração analítica dos dados, por meio da construção de *dashboards* interativos e do cruzamento dinâmico de variáveis. Essa estratégia permite investigar relações entre gênero, tipo de escolha, desempenho e efetivação, além de viabilizar análises comparativas ao longo dos anos. O dashboard completo, desenvolvido no contexto deste estudo, encontra-se disponível publicamente no seguinte link: <https://bit.ly/dashboardWIT2026>, permitindo a reprodutibilidade das análises e a exploração dos dados por outros pesquisadores.

#### **4. Análises do SiSU para os cursos na área de TIC**

A análise dos dados do SiSU permite examinar a participação feminina nos cursos de TIC a partir de diferentes etapas do processo de ingresso, possibilitando identificar em quais momentos se concentram as principais desigualdades de gênero.

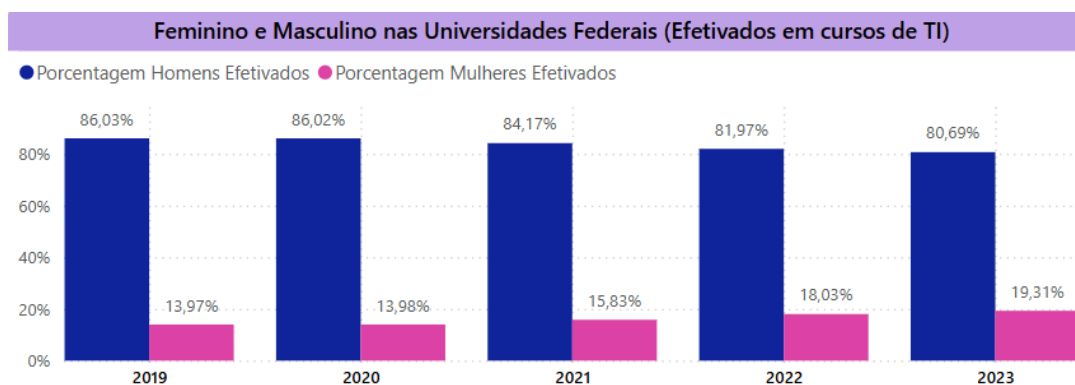
O processo inicia-se pela etapa de interesse no ingresso, considerando a relação entre homens e mulheres interessados e efetivados nos cursos de TIC de todo o Brasil. Para as análises do SiSU, um candidato é considerado “Interessado” quando realizou a inscrição para tentar ingressar em algum curso, seja como primeira ou segunda opção de curso, e ainda em primeira ou segunda chamada do SiSU. Este candidato é “Aprovado” caso tenha conseguido a nota necessária para ingressar naquele curso, mas ele só é “Efetivado” quando realizar a matrícula oficialmente no curso.



**Figura 1. Porcentagem de homens e mulheres interessados nos cursos de TI nas universidades federais.**

A Figura 1 mostra um crescimento gradual do interesse feminino por cursos de TIC, passando de 20,04% em 2019 para 23,38% em 2023. Embora esse aumento indique uma tendência positiva, a participação feminina ainda permanece inferior à masculina, que se mantém próxima a 80% ao longo de todo o período. Os dados sugerem que o processo de escolha já se configura como um dos principais pontos de concentração da desigualdade, indicando uma menor priorização dos cursos de TIC por parte das mulheres desde as etapas iniciais do ingresso no ensino superior.

Nesse contexto, a análise da etapa de efetivação, apresentada na Figura 2, permite identificar em que medida esse padrão inicial se mantém ao longo do processo. A Figura mostra que a participação masculina entre os efetivados permaneceu acima de 80% ao longo dos anos, caindo de forma lenta a partir de 2021. Já a participação feminina também apresenta crescimento, passando de 13,97% em 2019 para 19,31% em 2023, com uma variação maior do que a observada na etapa de interesse. Essa variação indica que, entre as mulheres que avançam no processo, há um aumento relativo na realização de matrículas. No entanto, esse aumento não altera de forma significativa a estrutura de desigualdade, sugerindo que as disparidades se acumulam ao longo do ingresso, com maior intensidade nas fases iniciais.



**Figura 2. Porcentagem de homens e mulheres efetivados nos cursos de TI nas universidades federais.**

Foi realizada uma análise entre o número de aprovados e efetivados nos cursos, para tentar entender se as mulheres que conseguem a aprovação realizam a efetivação da matrícula. Os dados apresentados nas Figuras 3 e 4 evidenciam dinâmicas distintas entre os

gêneros no ingresso em cursos de TIC. Com relação às mulheres, é possível observar na Figura 3 uma tendência de crescimento tanto nas aprovações quanto nas efetivações, com o número de aprovadas de 1.346 em 2019 para 1.689 em 2023, e o de efetivadas de 710 para 935 no mesmo período. Em contrapartida, entre os homens, os números apontam para uma leve queda, como mostra a Figura 4. As aprovações caíram de 6.862 em 2019 para 6.211 em 2023, e as efetivações seguiram o mesmo movimento de retração, passando do valor inicial de 4.374 para 3.907.

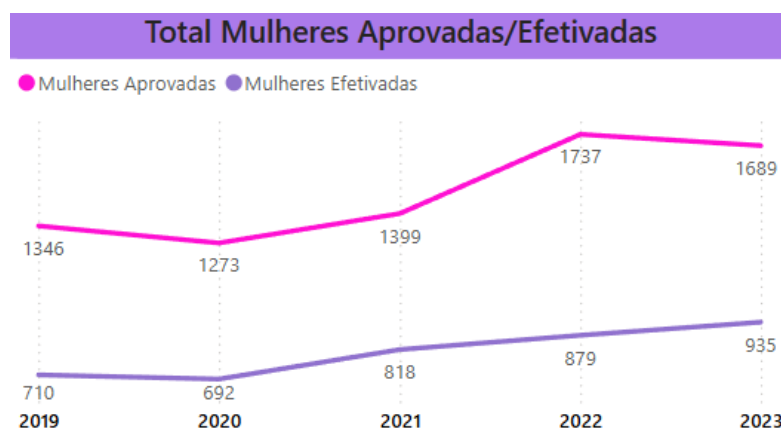


Figura 3. Quantidade de mulheres aprovadas e efetivadas nos cursos de TI nas universidades federais

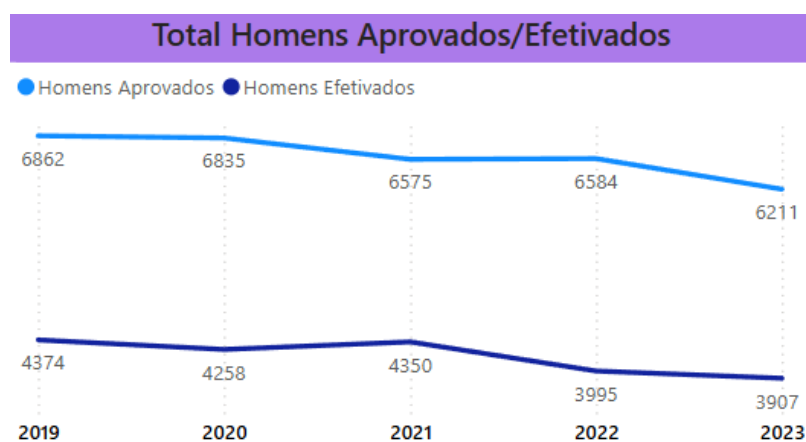


Figura 4. Quantidade de homens aprovados e efetivados nos cursos de TI nas universidades federais.

Quando comparamos os números totais de candidatos interessados no período de 2019 a 2023, houve 90.970 mulheres interessadas nos cursos de TIC em comparação com 339.392 homens. Deste montante, o percentual de mulheres aprovadas foi de 8,18% em relação ao total de interessadas, enquanto para os homens, este percentual foi de 9,74% em relação ao total de interessados, o que mostra taxas de aprovação relativamente próximas entre homens e mulheres. No entanto, 54,19% das mulheres aprovadas efetuaram a matrícula, em comparação com 63,16% dos homens. Podemos observar que os percentuais de aprovação entre homens e mulheres são bastante próximos, no entanto a taxa de efetivação de matrícula é maior entre os homens.

Embora haja um avanço feminino nas efetivações de matrículas (Figura 3), as mulheres tendem a desistir mais na efetivação da matrícula do que os homens, podendo refletir em desafios adicionais enfrentados por elas durante esse processo, possivelmente relacionadas a fatores externos, como falta de apoio ou inseguranças quanto ao ambiente predominantemente masculino nos cursos de TIC [Wang et al 2015, De Castro et al 2024, Menezes e Santos 2021].

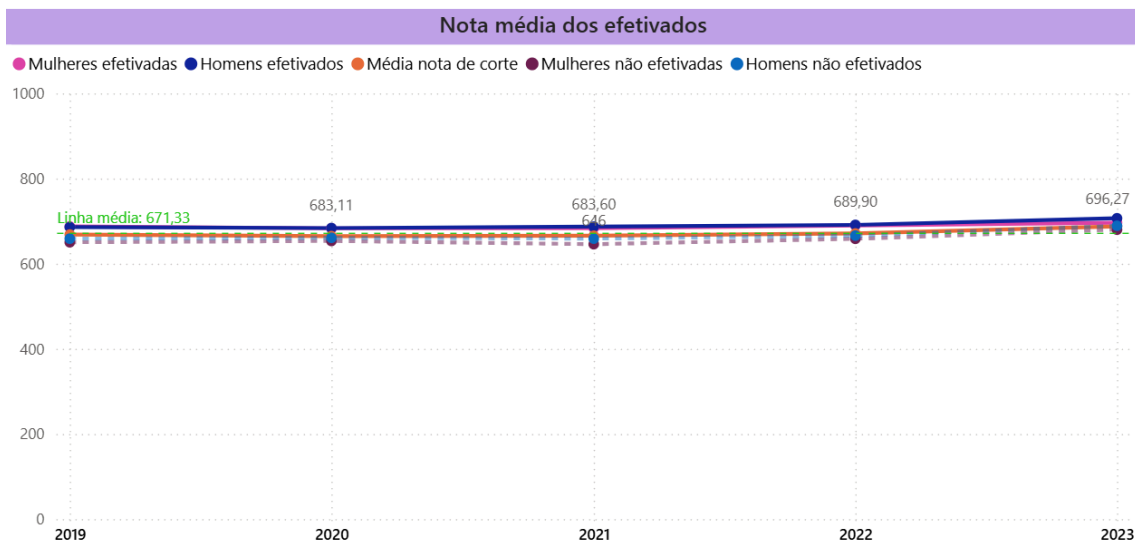
O estudo também investigou o tipo de escolha no processo de ingresso (primeira ou segunda opção), pelos candidatos do sexo feminino e masculino. A Tabela 1 revela que em torno de metade das mulheres (45.507) optou por um curso de TIC como primeira opção, enquanto a outra metade (45.463) fez essa escolha como segunda opção. Entre os homens, a diferença é mais expressiva, como mostra a Tabela 1: a maioria (186.595) escolheu um curso de TIC como primeira opção, em comparação com os demais 152.797 que o selecionaram como segunda opção. Além disso, a taxa de efetivação da matrícula também é maior entre os homens: 67,80% dos que escolheram TIC como primeira opção efetivaram a matrícula, enquanto entre as mulheres essa taxa foi de 59,68%. Os dados mostram diferenças no processo decisório entre homens e mulheres. Enquanto os homens tendem a selecionar cursos de TIC como primeira opção, entre as mulheres observa-se uma distribuição equilibrada entre primeira e segunda escolha, indicando menor priorização da área. Esse padrão impacta na efetivação da matrícula, uma vez que a taxa de ingresso feminino é menor quando o curso é indicado como segunda opção. Em contrapartida, os homens não apenas concentram suas escolhas em primeira opção, como também apresentam maiores taxas de efetivação, sugerindo um padrão decisório mais consolidado. Esses resultados indicam que a desigualdade de gênero na área de TIC não se limita ao nível de interesse, mas também está relacionada à forma como as escolhas são feitas. Ao indicarem com maior frequência os cursos como segunda opção, as mulheres reduzem suas chances de efetivação, fazendo com que a menor participação feminina observada na etapa de escolha se mantenha até o ingresso final.

	<b>Feminino Primeira Opção</b>	<b>Feminino Segunda Opção</b>	<b>Masculino Primeira Opção</b>	<b>Masculino Segunda Opção</b>
<b>Total</b>	45.507 (50,02%)	45.463 (49,98%)	186.595 (54,98%)	152.797 (45,02%)
<b>Aprovados</b>	5.302 (11,65%)	2.142 (4,71%)	25.000 (13,21%)	8.417 (5,51%)
<b>Efetivados</b>	3.164 (59,68%)	870 (40,62%)	17.000 (67,80%)	4.172 (49,57%)

**Tabela 1: Totais femininos e masculinos considerando a escolha de TIC como primeira e segunda opção**

Por fim, analisa-se a etapa de desempenho acadêmico, com base nas notas dos candidatos efetivados. A Figura 5 mostra a média geral da nota de corte considerando todos os cursos de TIC analisados (linha verde). Em azul temos as médias das notas dos homens efetivados nos cursos de TIC, em rosa as notas médias das mulheres efetivadas e, em laranja, a média da nota de corte por ano dos cursos de TIC. As linhas pontilhadas azul e rosa representam, respectivamente, as notas das mulheres e homens aprovados e não efetivados

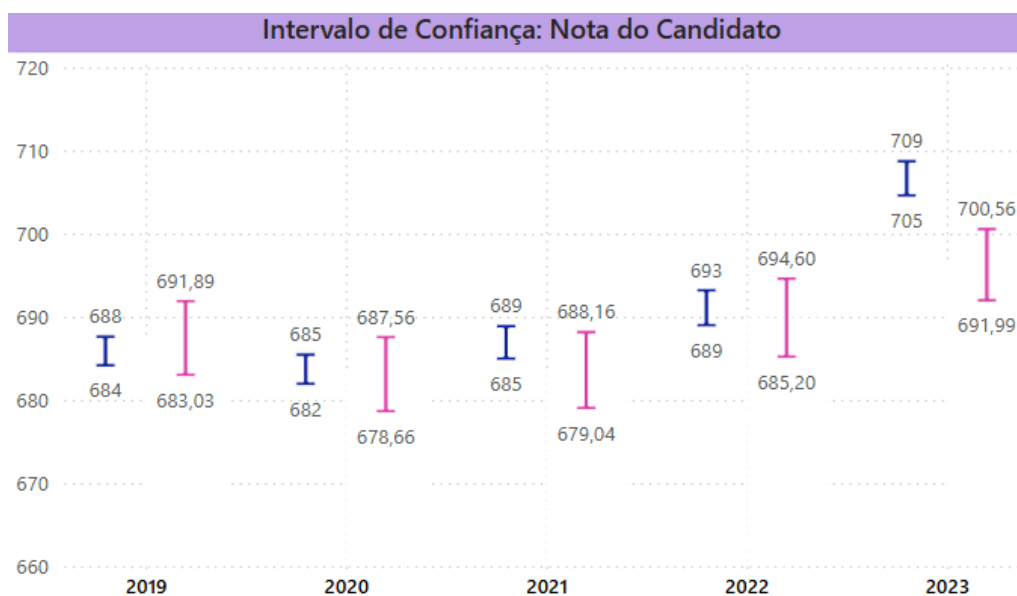
por ano. O gráfico demonstra que não há diferença prática significativa nas médias de homens e mulheres. Observa-se que, a partir de 2020, há uma tendência de crescimento das notas médias para ambos os sexos, que chegam a se cruzar neste mesmo ano, tendo como valores 683,11 para as mulheres e 683,70 para os homens. Em 2021, os valores de notas médias são de 683,60 para as mulheres e 686,93 para os homens. Em 2022 as médias se aproximam com 689,80 para as mulheres e 691,10 para os homens, fazendo com que neste ano as linhas quase se cruzem. Em 2023 as notas médias têm um pequeno distanciamento, ficando em 696,27 para as mulheres e 706,66 para os homens.



**Figura 5. Nota média de aprovação entre homens e mulheres efetivado(a)s e não efetivado(a)s.**

Para entender se as diferenças nas médias de notas de homens e mulheres, foi feita uma análise dos intervalos de confiança das médias anuais, mostrada na Figura 6. Nesta figura, pode-se identificar os intervalos de 95% de confiança com base nas notas dos candidatos que foram efetivados por ano. Considerando os dados da Figura 6, em 2019 a nota média das mulheres efetivadas (687,46) é superior à dos homens (685,89). Nos anos seguintes, as notas médias dos homens é superior, com a maior diferença em 2023, onde eles atingiram nota média de 706,66 em relação a 696,27 das mulheres. Considerando os limites superiores e inferiores, vemos que os intervalos de confiança (ICs) das médias dos homens e mulheres se sobrepõem na maioria dos anos, não havendo evidências de que a média dos homens seja significativamente superior, em média, do que as das mulheres, exceto para o ano de 2023. Os homens tiveram uma média ligeiramente maior considerando os cinco anos analisados (690,54) em comparação às mulheres (688,51), com uma diferença de 2,03 pontos.

Embora o número de mulheres seja menor do que os de homens levando a intervalos de confiança com margens de erro maiores, a base de dados tem um número considerável de ocorrências (total de 430.362 linhas, considerando homens e mulheres), sendo a menor amostra anual de 620 mulheres efetivadas (2020), que é uma amostra de tamanho razoável para o cálculo dos ICs das médias.



**Figura 6. Desvio padrão das notas médias de aprovação entre homens e mulheres**

Esses resultados reforçam que a menor participação feminina nos cursos de TIC não pode ser explicada por diferenças de desempenho acadêmico. Ao serem analisados em conjunto com as etapas anteriores do processo de ingresso, os dados indicam que a desigualdade se estabelece antes da etapa de avaliação, estando mais relacionada ao interesse, à forma de escolha dos cursos e à decisão de efetivação da matrícula. Dessa forma, a sub-representação feminina na área pode ser configurada como um problema estrutural, associado a fatores sociais e culturais, e não a limitações de desempenho. Mesmo quando atingem notas compatíveis ou superiores às dos homens, as mulheres continuam sub-representadas, o que reforça a dissociação entre desempenho e escolha.

## 5. Considerações Finais e Trabalhos Futuros

Este artigo analisa a representatividade feminina no ingresso em cursos de TIC em universidades federais brasileiras, com base em dados do SiSU (2019–2023). A abordagem adotada neste estudo permitiu identificar que as principais diferenças de participação entre homens e mulheres concentram-se nas etapas iniciais do processo de ingresso, especialmente no interesse pelos cursos de TIC. Os dados revelam que, embora o interesse das mulheres por cursos de TIC tenha aumentado gradativamente, elas ainda constituem uma minoria significativa na área. O crescimento observado, especialmente nas matrículas efetivadas, indica avanços na inserção feminina, mas ainda insuficientes para alterar de forma significativa o cenário de desigualdade no curto prazo.

A menor proporção de mulheres que escolhem cursos de TIC como primeira opção, bem como as diferenças na efetivação das matrículas, sugerem que fatores externos ao desempenho acadêmico influenciam esse processo. Entre esses fatores, destacam-se a percepção de um ambiente pouco acolhedor e a ausência de incentivos sociais e familiares, aspectos já apontados na literatura. Esses resultados reforçam a necessidade de ações que

promovam maior aproximação das meninas com a área desde a educação básica, incluindo o envolvimento da família e a ampliação de modelos de referência femininos.

Em relação ao desempenho acadêmico, os resultados indicam que as diferenças nas notas médias entre homens e mulheres não são suficientemente expressivas para explicar a baixa participação feminina. De modo geral, observa-se que homens e mulheres apresentam desempenhos estatisticamente próximos ao longo dos anos analisados, sugerindo que a principal barreira concentra-se nas etapas iniciais do processo de ingresso, especialmente no interesse pela área como já discutido, e não na capacidade de atingir as notas de corte dos cursos.

Esses achados evidenciam a necessidade de políticas e iniciativas contínuas que visem não apenas ampliar o acesso, mas também aumentar o interesse das mulheres pela área de TIC. Nesse sentido, é fundamental promover ambientes mais inclusivos no contexto acadêmico e profissional, bem como ampliar o acesso a experiências formativas em tecnologia desde a educação básica, envolvendo as famílias. A valorização da diversidade na área de TIC não é apenas uma questão de equidade, mas também um fator estratégico para o desenvolvimento de soluções mais inovadoras e alinhadas às demandas da sociedade.

Como trabalhos futuros, pretende-se aprofundar a análise dos dados do SiSU, considerando recortes por região geográfica e por curso, bem como investigar a relação entre desempenho e fatores socioeconômicos dos candidatos, a partir dos questionários do Enem. Além disso, pretende-se comparar o desempenho de homens e mulheres em diferentes áreas do conhecimento, a fim de analisar se a menor participação feminina em TIC está associada a padrões mais amplos de escolha profissional.

## **Uso de Inteligência Artificial**

Durante a elaboração deste artigo, foi utilizada a ferramenta ChatGPT como apoio à revisão gramatical, reorganização de trechos textuais e sugestões de melhoria na redação do artigo. Todas as decisões relacionadas ao delineamento do estudo, análise dos dados, interpretação dos resultados e conclusões foram realizadas pelas autoras.

## **Referências**

- Costa, L., Santos, Y., Santos, A., Prada, R., Souza, J. (2020). Initiatives for Gender Equality in STEM Education: The Brazilian Case. In Annual International Conference of Education, Research and Innovation. DOI: 10.21125/iceri.2020.0330
- De Castro, Bruna C. F., David, T., Tonini A., Rizol, P. (2021). Gender disparity in engineering courses in Brazil. *IEEE Access*, v. 12, p. 159784-159793, 2024.
- Lopes, R., Maciel, B., Soares, D., Figueiredo, L., Carvalho M. Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: podemos fazer mais?. In: *Women In INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 2023, João Pessoa/PB. Anais [...]. Porto

- Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 68-79. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230819>.
- Medeiros, A., Ferreira, I., Fonseca, L., Rolim, C. Percepções sobre a tecnologia da informação por alunas de ensino médio: um estudo sobre gênero e escolhas profissionais. In: Women In INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 2022, Niteroi. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 122-132. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2022.222780>.
- Menezes, S. K. de O., Santos, M. D. F. dos. Gênero na Educação em Computação no Brasil e o Ingresso de Meninas na Área - uma Revisão Sistemática da Literatura. Revista Brasileira de Informática na Educação, [S.l.], v. 29, p. 456-484, 2021. DOI: [10.5753/rbie.2021.29.0.456](https://doi.org/10.5753/rbie.2021.29.0.456).
- Nascimento, L., Lima, Y., Barbosa, C., Costa, L.F., Santos, A., Galeno, L., Xexéo, G., Souza, J. Paridade de Gênero no Ensino Superior em STEM no Brasil: uma análise de 10 anos. In: Women In INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 2023, João Pessoa/PB. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p.217-227. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.229472>.
- Santos, L. G., Gallindo, E., Moreira, M. Equidade em STEM: Explorando a Diversidade de Gênero Através de Dados Educacionais de Avaliações em Larga Escala. In: Women In INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 2024, Brasília/DF. Anais[...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p.70-80. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2024.2380>.
- Silva, A., Prado, R., Moro, M., Araujo, A. Autopercepção de Meninas do Ensino Básico em Relação às Carreiras de STEM. In: Women In INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 2023, João Pessoa/PB. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 91-102. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230020>.